



CONEDU

Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

A FALA NA PEDAGOGIA INSTITUCIONAL COMO FERRAMENTA DE COMBATE AO *BULLYING*

Pedro Augusto Araujo Ribeiro
Discente - Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
pedroaugusto.aar@gmail.com

Nyeberth Emanuel Pereira dos Santos - Orientador
Docente – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
nyeberth@gmail.com

Introdução

O *bullying* é, hoje, um dos principais problemas de violência escolar relatados por educadores, pais e estudantes. Muitos esforços têm sido empregados no intuito de diminuir a existência desses conflitos escolares (BEANE, 2011).

O presente artigo propõe, assim, através do uso da fala, demonstrar o caminho teórico de institucionalização dos estudantes, e uma vez que façam parte da instituição, sintam-se pares, de fato, e não se utilizem da violência como esforço para resolução dos problemas.

Metodologia

Utilizamos-nos de revisão em literatura científica sobre *bullying*, incluindo a base de dados Scielo, e sobre Pedagogia Institucional, com escassas publicações em português. Além disso, buscamos o referencial teórico de Lacan, para construirmos uma relação entre o que a fala traz de elementos de trabalho para que a Pedagogia Institucional promova resultados contra o *bullying*.

Resultados e discussão

O *bullying* aparece como a forma mais comum de violência escolar. Caracteriza-se pela violência direcionada aos pares, ou seja, só ocorre entre alunos. Inúmeros esforços têm sido empreendidos para o combate desse tipo de violência escolar, o que se torna cada vez mais difícil devido às novas ferramentas tecnológicas que estendem o contado tido na escola, entre os alunos, para as casas, incorrendo em casos de *cyberbullying* (BEANE, 2011).

O *bullying* é também conhecido por intimidação e suas naturezas podem ser físicas, verbais ou sociais/relacionai. Quando o *bullying* acontece de forma física o



agressor tende a ter, normalmente, um maior desenvolvimento físico e, assim, intimida sua vítima. No tocante às causas do comportamento do agressor essas podem ser as mais variadas, desde um baixo incentivo ao tratamento respeitoso para com os demais sujeitos que fazem parte do seu convívio social, como também pode ocorrer através da imitação de um comportamento no qual ele é vítima em outra instituição (como família, por exemplo). Uma última motivação se faz através de um pensamento de que a vítima da intimidação tem um comportamento considerado, pelo agressor, como ameaçador.

Todas as possibilidades levantadas em relação às causas geradoras da agressão estendem-se para as demais formas de intimidação. Geralmente as agressões físicas são mais comuns entre meninos, utilizando-se da agressividade como um comportamento padrão para a resolução de conflitos, inferiorizando, assim, o lado emocional e discursivo em detrimento da violência para provar masculinidade. A intimidação em sua forma verbal ocorre através da humilhação com o uso de comparações que ferem, geralmente, a sexualidade, entre os meninos, e os atributos físicos, entre as meninas, além da colocação de apelidos depreciativos. Quanto à intimidação relacional, vê-se que é mais comum entre as meninas, mesmo assim, não havendo um determinismo quanto a sua ocorrência, esses dados baseiam-se em pesquisa e levam em consideração as influências culturais (a maioria das pesquisas foram realizadas nos Estados Unidos e no Canadá). Quando se tornam comuns as brigas por inveja, o *cyberbullying* está incluído nesta forma de intimidação, uma vez que pode acontecer de forma anônima com fins de difamação (BEANE, 2011; CLOUTIER, *et al.*, 2012).

Segundo Beane (2011, p. 33-35), as vítimas têm uma dificuldade em falar dos maus tratos, visto que não tiveram incentivo à fala em casa, e recorrer a um terceiro também incorre em fraqueza entre os demais estudantes. Vê-se, então, que entre o nós estamos considerando pares, até então, estão incluídos numa dinâmica de assimetria de poder, onde um indivíduo que se considera “superior” tende a minimizar o outro e a estabelecer uma relação de opressor-oprimido (BEANE, 2011; AIRES, 2012). Entendido o que é o *bullying*, é necessário compreender como a Pedagogia Institucional, poderia ajudar a combatê-lo.



A Pedagogia Institucional tem sua teoria indissociável de sua prática, fundada por Fernand Oury. Sua teoria mescla: as técnicas de Freinet, a dinâmica de grupo baseada no Psicodrama e a ideia de emergência do inconsciente, conseqüentemente do sujeito, através da fala da Psicanálise de orientação Lacaniana (ANDRADE, *et. al.*, 2009, p. 31-33).

Outrossim, faz-se necessário reforçar a ideia de institucionalização que fica nas entrelinhas do discurso da teoria pedagógica em questão. A escola coloca-se no horizonte da criança como seu primeiro meio de socialização depois de sua família (EIZIRIK, *et. al.*, 2001, p. 112), embora esteja presente no meio escolar, a própria instituição, muitas vezes, não a deixa ter voz ou fazer com que seu sujeito apareça naquele meio. Uma criança institucionalizada sentir-se-á parte da escola, embora seu professor não seja Psicanalista ele tem o dever de deixar que seu aluno se expresse, dando a ele autonomia em sala de aula a partir dos possíveis lugares que pode exercer no discurso, além de interpretá-los (ANDRADE, *et. al.*, 2009).

Segundo Lacan (2008, p. 55-61), o lugar da fala, na Psicanálise – que construiu a partir dos pressupostos estruturalistas inaugurados por Saussure e Lévi-Strauss –, é a de um campo que media o simbólico e o real, ou seja, está entre o que não pode ser atingível, posto que é o que acaba de acontecer e passou, causador de angústia – o real –, e aquilo que é produzido enquanto se fala, enquanto se faz o uso da linguagem, que é o simbólico. É somente neste lugar de fala que é possível fazer emergir a verdade do sujeito. A verdade que o sujeito traz, deve estar em um campo que deve ser interrogada pelo analista, esta é sua função. Na escola, os grupos que o aluno fará parte e o professor, tomarão esse lugar (LACAN, 2008; ANDRADE, *et. al.* 2009).

Ao tratar dos lugares de fala na Pedagogia Institucional (P.I.), Andrade (*et. al.*, 2009, p. 65) afirma: “Os lugares de fala são para nós uma solução para tratar os problemas de violência e para ajudar os/as alunos/as em sua aprendizagem da cidadania”. É a busca por uma igualdade, onde todos os alunos poderão se expressar e problematizar questões de cunho pessoal como também da instituição. Existe, para tanto, três locais específicos que são construídos dentro de sala de aula para que se desenvolva esses locais de fala, são eles: “o que há de novo?”, “isto está bem, aquilo não está” e o “conselho”. O “o que há de novo?” é um tempo de



reunião onde se dialoga sobre os problemas pessoais. O “isto está bem, aquilo não está” refere-se à organização em sala de aula e na escola, atitudes que deveriam mudar dentro da instituição. O “conselho” se trata de uma reunião semanal em sala de aula onde os alunos conversam dos casos de indisciplina e também de atitudes louváveis que aconteceram durante a semana na escola, tentando dirimir ali os problemas através de decisões democráticas, une-se a essa ideia o surgimento do institucional (ANDRADE, *et.al.*, 2009).

Na P.I. tem-se a finalidade da autonomia e de um desenvolvimento comportamental que vise um também desenvolvimento ético, a partir de regras que visam promover o bem-estar coletivo. Fernand Oury era judoca e achou que a metodologia das faixas seria interessante para incentivar a autonomia dos alunos, sendo assim, a cada faixa de progressão que era vencida, o aluno tinha mais direitos e responsabilidades. (ANDRADE, *et.al.*, 2009).

Um exemplo de Pedagogia Institucional bem sucedido está no livro organizado por Andrade (2009, p. 111-121), a partir do relato de experiência de Maria Eulina Pessoa de Carvalho no estágio realizado, em abril de 2009, na escola francesa Marie Curie. Todas as crianças agem de modo cooperativo e leem em conjunto, sem nenhum barulho extremo, estão em suas carteiras ou movimentando-se em classe, mas continuam em silêncio, algumas crianças, com dificuldade na leitura são rapidamente repreendidos pelo professor e depois continuam uma atividade de leitura enquanto os demais alunos voltam-se, autonomamente, para outras atividades.

Na experiência relatada por Carvalho (*in* ANDRADE, 2009, p. 118), compara-se o comportamento tido na escola da França, onde a metodologia utilizada é a Pedagogia Institucional e as escolas brasileiras da cidade de João Pessoa, onde a realidade é outra, além da falta de recursos físicos, o aporte teórico é, ainda, ultrapassado, onde a criança não faz parte da instituição. Segundo a autora, suas práticas de docência têm demonstrado que a violência escolar surge a partir de alunos desmotivados, algo que não acontece com uma classe institucionalizada, classes com alunos mais autônomos.

O conselho, enquanto age modificando as relações de poder, diminuindo-as, faz com que os alunos se tornem mais compreensivos e apropriem-se da linguagem



como fator determinante nas relações, substituindo as atitudes agressivas que pudessem servir como defesa ou ataque aos dilemas apresentados no convívio, sendo assim, a violência diminui (*ibid.*, p. 65).

Conclusão

Sabendo como age e se constitui a fala na P.I. é possível compreendê-la como um aporte prático-teórico substancial no combate ao *bullying*, uma vez que se constrói no sujeito, através de sua interação como grupo que constitui a instituição, condições éticas para que se possa lidar com as diversas dificuldades impostas no convívio escolar, bem como com a ampla diversidade que forma os grupos humanos. Coloca-se, ainda, como dificuldade de aplicação da P.I., a escassez de literatura em língua portuguesa, e também as subfinanciadas políticas públicas em educação.

Referências

AIRES, J. S., FREIRE, A. N. **A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 16, Número 1, Janeiro/Junho de 2012, p. 55-60.

ANDRADE, F. C. B., CARVALHO, M. E. P (org.). **Instituir para ensinar e aprender: Introdução à pedagogia institucional**. João Pessoa, PB, Ed. Universitária da UFPB, 2009.

BEANE, A. L. **Proteja seu filho do Bullying**. Tradução: Débora Guimarães Isidoro. 2ª Ed. Rio de Janeiro, RJ, Ed. Best Seller, 2011.

CLOUTIER, R., DRAPEAU, S. **Psicologia da Adolescência**. Tradução: Stephania Matousek. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 2012.

EIZIRIK, C., KAPEZINSKI, F., BASSOLS, A. M. (org.). **O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica**. Porto Alegre, RS, Ed. Artmed, 2001.

LACAN, J. **O mito individual do neurótico**. Tradução: Claudia Berliner. Rio de Janeiro, RJ, Ed. Jorge Zahar, 2008, p. 45-83.

_____. **Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise**. In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro, RJ, Ed. Jorge Zahar, 1998, p. 238-324.
